



Trabalhos Científicos

Título: Fendas Labial E Palatina: Perfil Epidemiológico Do Brasil Nos Últimos 10 Anos

Autores: LAÍS DE ALBUQUERQUE PINTO (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), ANA CLÁUDIA SANTANA FERRO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS), ANNA LUYZA CORREIA DOS SANTOS ALVES (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), BEATRIZ DE ALMEIDA PINTO (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), FRANCIELE ÁVELY DE SÁ MACIEL FERREIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), JOÃO PEDRO MATOS DE SANTANA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS), LETÍCIA LIMA DE OLIVEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), MARIA EDUARDA FREITAS (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), MARIA EDUARDA PRUDENTE KÜNZLER ALVES (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), MONIKE EMILLIE DE ALMEIDA CARVALHO (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES), MARCOS REIS GONÇALVES (CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES)

Resumo: INTRODUÇÃO: As fendas labiais e palatinas juntas representam a malformação congênita mais comum ao nível da cabeça e do pescoço. Em muitos casos há associação dessa patologia com outras anomalias congênitas. OBJETIVOS: Analisar epidemiologicamente a incidência de fendas labiais e palatinas em crianças menores de um ano, entre os anos de 2008 e 2018, com o objetivo de delinear um panorama nacional referente ao agravo. MÉTODOS: Consiste em uma abordagem quantitativa, transversal, descritiva e retrospectiva a partir da base de dados do Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Os descritores abordados foram: internações, faixa etária, região, sexo e óbitos. RESULTADOS: No período estudado ocorreram 17.902 internações por fendas labiopalatinas no Brasil em menores de 1 ano, sendo 1.141 na Região Norte, 4.027 no Nordeste, 8.961 no Sudeste, 2.771 no Sul e 1.002 no Centro-oeste. Destes, 10.931 são do sexo masculino e 6.971, feminino. Desse total de casos 42 evoluíram para óbito. CONCLUSÕES: As fendas labial e palatina são anomalias congênitas do maciço ósseo facial prevalentes, com grande número de casos na idade estudada. Com essa análise de dados foi percebido um número maior em meninos e a região com mais pacientes foi a sudeste, muito devido ao grande número de nascimentos. A taxa de óbito é baixa, pois não causa risco à vida do paciente quando isolada e com os avanços diagnósticos, ainda no pré-natal, há um maior planejamento e sucesso na terapêutica.